

ECOLOGIA E POESIA*

Michel Deguy
(Universidade Paris VIII)

1

Se tomarmos as palavras pela etimologia, e as coisas em questão por uma perspectiva de conjunto (*synopsis*) de muito ampla generalidade, podemos dizer: *ecologia* e *poesia* não somente convêm uma à outra, mas dizem e visam “o mesmo”. A ecologia é uma *logia*, um pensamento do *oikos*, isto é, a morada terrestre e mundana dos humanos – de seu “ecúmeno”¹. Quanto à *poesia*, se dermos ouvido a Hölderlin, ela foi (ainda poderá ser?) modo de habitação dos homens: “*Dichterisch aber wohnet des Mensch*”. Os poetas, os artistas (*Dichter*) “reúnem a beleza da terra” (*Andenken*).

Um *logion* arcaico atribuído a Heráclito – tantas vezes citado durante três milênios! – pronuncia: *Ethos anthropo daimon*, sua residência é para o homem seu gênio. *Ethos* dizia em grego a toca, o retiro: não há animalidade sem nicho; o que explica a significação atual de “*etologia*”: ciência dos hábitos das espécies animais. O homem também, portanto, este ser vivo, tem uma “toca”, um “território”. Mas esta toca é sua genialidade, sua alma, seu “ser”. Em outros termos, não é o instinto que o fixa na restrição monótona de um mesmo tipo de “toca”. Seu construir (*Bauen*) é seu pensar (*Denken*). Ele é simultaneamente o sedentário essencial e o essencial nômade: a terra e os mundos da terra constituem sua moradia². Ele é *daqui*, mas poderia ser de outro lugar. O gênio humano, gênio da morte e da imortalidade, ao mesmo tempo inventa e transforma os modos diversos, indefinidamente transformados, de sua habitação.

2

Qual é a solicitação que nos chega da insistência nova, atual, quanto à relação entre a *ecologia* – tomada na acepção recente do termo, frequentemente sinonimizada como “ambiental” – e a poesia declarada segundo definições elas próprias contaminadas pela disseminação metastática, vertiginosa, de seu sentido? A de que percebamos a medida da ameaça “global”, frequentadora dos contextos variados da ecologia, e a capacidade da poesia de assumir sua responsabilidade a respeito dessa medida: para discerni-la, avaliá-la, fazer dela seu próprio fim, ou resistir a ela e mandá-la passear.

Um auxiliar fundamental da língua grega, *lanthanesthai*, da família do *lethe*, que oferece fundamento a Heidegger para considerar a verdade como *a-letheia*, pode ser traduzido como “não-se-aperceber”. Esta *letargia* acompanha todo modo, isto é, todo verbo que diz a conduta cotidiana dos homens. Por exemplo: “Eles morrem sem se aperceberem” (Platão). A filosofia – ou seja, o pensamento humano *em* linguagem de língua materna vernacular enquanto meio que lhe permite “ver” as coisas, ao ver-se a si mesma, e de ter prazer com isso – ao discernir e revelar e explicitar os *existenciais* do “*Dasein*”³, pretende retirá-lo de sua letargia, ou seja, de seu não-se-aperceber que existe como tal “graças a” eles. A poesia encontraria seu sentido (seu *telos*) no aumento da letargia, no serviço do auxiliar (sonho; diversão; decoração; distração “*anywhere but out of this world*”; o não pensar em morrer; veneno; opiomania) ou na lucidez *aleteica* que apela à clarividência em toda coisa de toda parte e de mil maneiras? Muitos a consideram insensata, não apegada ao sentido, irresponsável (Goytisolo⁴), “surrealista”, no sentido jornalístico fatal que prevalece.

A “resposta à solicitação” à qual sou sensível é antes a da clarividência: do partido de uma ecologia, aliás radical, ou seja, que não se reconheceria a si mesma se não fizesse a diferença entre o *meio ambiente* e o *mundo*, e ainda mais genericamente se ela não contasse com a poesia, isto é, com “o pensamento simbólico” da condição humana. Não se trata de desfumaçar o nicho, de despoluir o *Umwelt* (atmosfera ou meio ambiente), mas de reabrir a abertura – e reorganizar as aberturas – para a “grandeza” ou “clareira” (*Lichtung*) do mundo ou do Ser.

3

O empenho de “purificação”, que permitiria a aproximação em modo menor de uma ecologia ideológica e sincrética a um cuidado linguístico da língua, é antigo e plausível, chegando a encontrar – acredita-se – sua formulação moderna no verso famoso de Mallarmé: “Dar um sentido mais puro às palavras da tribo”. Eis que purismo e preocupação identitária correspondem (bem demais) às “reações salutaras”, e mesmo integristas, do patriotismo linguístico. Que Mallarmé não tenha nada em comum com esta interpretação plausível comum – e que a aparência de um *mesmo* possa, assim, ocultar a maior diferença – é um ponto que desenvolverei em outra ocasião.

4

O fenômeno global (ou a globalização) é “cultural”. A poesia, evidentemente, também é colocada em seu lugar – secundário – no dispositivo geral das produções. Sua tarefa social cada vez mais reconhecida (prescrita) é da *animação*; por sua vez, a poética continuada por todos os meios⁵, tomada em “profundidade” – i.e. esta radicalidade que mereceria sua “Crítica da Razão poética”, se recebemos a tradição de poesia como um modo do conhecimento ao qual conviria, por exemplo, o nome de “clarividência” –, tal Poética entende a ecologia e entende-se com ela, por pouco (mas este *pouco* já transborda o horizonte das “ciências humanas” de nosso tempo e seu ensaísmo crítico) que a ecologia seja ela própria sondada e compreendida no estilo da radicalidade que convém.

5

O pensamento “ecológico” é de difícil percepção, uma vez que a expressão *meio ambiente* recobriu tudo com seu véu de conveniências. Ora não se trata de *meio ambiente*, ou seja, aquilo que os Alemães e a etologia chamam de *UMWELT*. A pertença determinada, intransponível (“instintiva”, como se dizia), a seu *Umwelt* caracteriza a animalidade. A abertura ao Mundo (*Welt*), que se distingue essencialmente de um *Umwelt* e de todos os *Um-welt* conhecidos e estudados, caracteriza a humanidade. É a filosofia que pensa essa questão, desde seu início. A expressão *ser-no-mundo*, frequente na fenomenologia moderna, per-

mite ouvi-la. O homem é rico em mundo, dizia Heidegger: não apenas em mundos, mas em *mundo* (*Welt*). Para o homo *sapiens*, saído de seu *Umwelt* “na direção de” outros *Umwelt*, e depois (ou ao mesmo tempo) na direção do *Welt* pela linguagem, trata-se de um devir (antropomorfose) cuja “gênese real” até o momento nenhuma reprodução científica experimental logrou retrair.

“Infinito”, o *Welt* não é um *Umwelt* estendido. O *aberto* (Rilke; Heidegger) não é a moradia do animal, nem “uma” moradia entre outras, reservada aos humanos. A diferença é precisamente a do *infinito* – que o famoso poema de Leopardi nos faz ouvir. É ao poema, ou seja, à arte, que foi confiada a diferença-pelo-infinito, o sentimento da abertura, o desprendimento na direção de (para) a “clareira do Ser” (aquela onde *há*), para citar a famosa locução heideggeriana. Trata-se de *revolver* o homem na direção do infinito (no sentido da locução: “Ele *revolveu* minhas convicções”)⁶, de operar a *abertura* na *grandeza* ou na “aperidade” do ser.

Ora, acontece (é o que a Filosofia chama “a era da Técnica”, ou seja, da ciência) que o homem moderno, ao tomar *posse* (Descartes) de *todos* os *Umwelt* (a “Natureza” como *Umwelt des Umwelt*), chama de “Meio ambiente”, a ser “preservado”, o cósmico encaixe de todo ambiente (incluindo as “reservas” onde estão estocados os espécimes da antiga natureza zoo-antropológica), “esquecendo” assim aquilo que o pensamento e sua Arte (*Dichtung*) chamavam “Mundo” e encobrindo definitivamente sua diferença essencial.

Em uma palavra: a defesa do “meio ambiente” (des-poluição) não tem nada a ver com a tarefa exigida pela “proteção do mundo”.

E é aqui que “a poesia”, enquanto possível manutenção da diferença, ou “resistência” à confusão, intervém: essencialmente afim à ecologia pensante (ou “radical”).

6

Neste ponto, seria preciso elaborar a problemática do *cultural* e da “resiliência” – palavra cujo uso se espalha hoje, mostrando-se como a instância e a insistência de uma coisa nova. *Cultural* é a palavra que assinala em seu conjunto a situação “epocal” da Arte contemporânea (“a era do capitalismo cultural”⁷), a saber: de que maneira uma arte, e aquela da *poesia* em especial no centro de meu questionamento, pode

entrar em mutação completa, ao mesmo tempo em que preserva por “resiliência”, ou “resistência”, uma transformação, uma translação do antigo, das “reliquias” perdidas, isto é, transmitidas.

7

O *cultural* é um “fenômeno social total”, para retomar uma expressão de Marcel Mauss. No fundo: o fenômeno antropológico em curso... Trata-se de algo “ontológico”; isso quer dizer que “o todo do ente” (tudo o que é; tudo o que *há*) é envolvido – numa nova fase de “entidade” [*étantité*], diria o filósofo; dito de outra forma, em uma outra “época do ser” (diria o mesmo); ou ainda: a fase em curso pertence à “era da Técnica”. Trata-se de apreender este momento em que estamos como “era do capitalismo cultural” (com um sotaque “benjaminiano”), chamada em toda parte “globalização”. Portanto, é preciso evitar de tomar aquilo que é visado pelo “cultural” como algo superficial, local, “superestrutural”, de interesse apenas de um “Ministério” e um orçamento, etc. E de tomar a reflexão que se preocupa com isso “ontologicamente” (como é o caso desta) como uma zombaria de intelectual “anti-cultural”! Assim como o “antiamericanismo” não é um ressentimento primário, reacionário, chauvinista, ou sabe-se lá o quê. Não! Não somos nem “a favor” nem “contra” o cultural. Trata-se, *antes de mais nada*, de *constatar*; de perceber a medida “total”. Ora, é difícil admitir isso, e esta “generalização” é geralmente incompreendida e recusada...

Não façamos tábula rasa do passado! Tal é a injunção principal para nós. A “culturalização”, ou taxidermia cultural, ou seja, a patrimonialização dos “genótipos culturais” e sua exploração em fenótipos (“produtos derivados”), toda esta vampirização de “valores”, ou sobrevivência em valores turísticos consumidores de um mundo visitável transformando-se em Museu Grévin⁸ do mundo – graças a uma tecnologia fantástica que não tem mais nada a ver, é claro, com o empalhamento ou a cera de conservação “Grévin”... – não pode ser a última palavra.

Do “sagrado”, restam apenas *reliquias*; e as reliquias estão na língua (e não nas criptas ou nos relicários). Para aquilo que vem do sagrado e que está conservado na língua, as palavras da língua, as *obras*, nossa responsabilidade de *artista* é a de fazer sua *deposição* e sua transferência à própria transmissão cultural, a fim de impedir sua desapareição, seu esquecimento definitivo.

Uma outra “saída”? Não sei se ainda podemos falar de saída. De um modo ou de outro – assim como a ecologia fundamental deve tomar uma outra direção, e não simplesmente algumas medidas de proteção –, trata-se “no fim” de tentar deslocar a direção “fatal”, sem se contentar com o “esperar na devastação” como um heideggeriano ortodoxo; ou seja, continuar a inventar um sentido para a “habitação terrestre”, ainda que nenhuma (re)solução hölderliniana seja mais possível.

O duplo apego ao “habitar”, ou seja, à “beleza da terra” (*Andenken*) e à língua (aos saberes, às artes, aos falares da língua, etc.), em outros termos à promessa de “*terra prometida*” (não possuída) – *em que transformá-lo a fim de não descartá-lo?*

Jacques Derrida chamava de “outro cabo” esta direção outra (diferente da globalização pelo consumo), cuja dificuldade de uma problemática estas páginas tateiam. Uma fórmula desta alegada “resistência” é, ou seria, a aliança entre uma “ecologia” pensante, filosófica – e não apenas preocupada com “medidas ambientais” comandadas pela tecno-ciência, ou seja, no fim das contas enganada pela crença no fato de que a Pesquisa (este “*fatum* da humanidade”, segundo Primo Levi) saberá inventar réplicas às contra-finalidades do *progresso* científico – com a arte (da poesia, mais simplesmente), ela própria não submetida ao devir *cultural* imenso e inevitável da “arte contemporânea”, isto é, das ligas tecnológicas ou “sintéticas” que *instalam mensagens* (uma semiótica social) para lucros máximos em um setor dinâmico da economia. De modo breve: “meu” modo de resistência chama-se poesia; resistência à mutação que a leva para fora do *logos*, da palavra, fora da “logicidade”, em proveito da “imagem” e do “corpo”. É uma poética que tem em vista “o fenômeno futuro” (Mallarmé), porque está atenta aos luminosos⁹, i.e. nas luzes que se acendem para nos alertar.

Tradução: Marcos Siscar

* “Ecologie et poésie”, publicado no livro *La fin dans le monde* de Michel Deguy (Paris: Hermann Éditeurs, 2009, p.39-46).

NOTAS

¹ Termo desgastado graças a A. Berque [N.T.: Augustin Berque é um geógrafo francês, autor de *Écoumène. Introduction à l'étude des milieux humains*, 2001].

² N.T. O termo francês que traduzo por “toca” é “*terrier*”, a que remete aqui “a terra e os mundos da terra”.

³ Segundo a terminologia heideggeriana.

⁴ N.T.: Juan Goytisolo é um escritor espanhol, também mencionado por Deguy em *Réouverture après travaux* (2007).

⁵ É o subtítulo que dei ao volume *L'énergie du désespoir*.

⁶ N.T.: Em francês, o autor usa o verbo transitivo “*retourner*”, que tem um sentido ao mesmo tempo espacial (de virar alguém ou algo para alguma direção) e psicológico (na expressão familiar “*il m’a complètement retourné*”, ele me convenceu completamente).

⁷ Expressão usada por Martin Rueff como subtítulo de seu livro *Différence et identité*, Herman, 2009.

⁸ N.T.: Museu de cera, localizado em Paris, cujo acervo retrata celebridades.

⁹ N.T. A palavra usada pelo autor “*voyant*” carrega uma ambiguidade: pode tanto significar os sinais luminosos de alerta, como também o “vidente”, num sentido mais tradicionalmente associado à condição do poeta.

Data de recebimento: 28 de maio 2010